

---

**Pandemia e Entropia Capitalista**

---

**Nildo Viana**

---

A pandemia do coronavírus já dura aproximadamente um ano. Desde o seu suposto surgimento na China e sua posterior disseminação mundial, a esperança de seu controle e fim definitivo é sempre postergada. Por qual motivo, numa sociedade com alto desenvolvimento tecnológico, grande capacidade de deslocamento de recursos, meios de comunicação e transporte altamente desenvolvidos, uma pandemia consegue se tornar descontrolada?

Sem dúvida, a explicação desse processo remete ao processo de compreensão da sociedade capitalista. Marx já havia apontado a existência da “anarquia capitalista” (MARX, 1988), o que contradizia a concepção apologética de Adam Smith sobre a “mão invisível” do mercado (SMITH, 1984). Segundo Marx, a produção capitalista é “anárquica”, no sentido de que a competição e o objetivo do lucro promoviam uma desordem nos mercados, na produção, o que, obviamente, geraria dificuldades na reprodução do capitalismo e facilitaria o desenvolvimento de crises. Sem dúvida, Marx abordava o modo de produção capitalista e sua dinâmica. E isso é fundamental para entendermos o que ocorre hoje em relação à pandemia.

Ao invés de “anarquia”, consideramos que entropia é um termo mais adequado para explicar essa característica do modo de produção capitalista. A ideia de entropia capitalista aponta que o modo de produção capitalista é composto por inúmeros capitais que buscam o lucro e através da competição de uns com os outros, visam aumentar seus lucros, ganhar espaços, conquistar mercado consumidor, etc. Esse processo gera não uma “mão invisível”, mas uma entropia, ou seja, um alto de grau de desordem e aleatoriedade, derivada do movimento dos capitais individuais, da contradição de interesses da

diversidade de capitais individuais, da competição e dispersão dos mesmos, defasagem entre oferta e procura, ampliação e retração do mercado consumidor, etc.

Sem dúvida, é uma entropia relativa e por isso a ideia de mão invisível consegue obter a aparência de veracidade, já que possui um momento de verdade. A relação entre oferta e demanda, em que pese se for isolada promove equívocos, bem como se tornar o determinante das relações sociais envolvidas no processo de produção e distribuição, aponta para certa “correção” nessas relações, mas é marcada muito mais por desordem e aleatoriedade. Nesse sentido, se poderia perguntar então como o modo de produção capitalista sobrevive. Ora, o aparato estatal cumpre a função geral de regularizar as relações de produção capitalistas e o conjunto das relações sociais e assim diminui os efeitos da entropia capitalista. A expressão de Engels, denominando o Estado como “capitalista coletivo ideal” (ENGELS, 1978) explicita esse processo no qual esta instituição, representando os interesses gerais da classe capitalista, atua para evitar as crises, diminuir a entropia, etc. É preciso deixar claro que o aparato estatal não é benéfico para o proletariado ou para o conjunto da população e sim para a classe capitalista e o que ele efetiva é a reprodução do modo de produção capitalista, o que significa reprodução da exploração, da dominação, e de todos os processos derivados do capitalismo (crises, mercantilização das relações sociais, pobreza, destruição ambiental, etc.).

O que tem tudo isso a ver com a pandemia? Esse processo explica, parcialmente, a força da pandemia do coronavírus. A entropia capitalista dificulta uma ação mais coerente, organizada e eficaz para conter a pandemia. E o Estado capitalista deveria ser o grande adversário da pandemia, tanto em seus efeitos econômicos quanto sanitários. Um Estado capitalista mais intervencionista, como foi o integracionista (keynesiano), permitiria uma maior capacidade de controle estatal tanto na economia quando no conjunto da sociedade e, por conseguinte, maior eficácia no combate ao coronavírus. Porém, obviamente que isso é relativo e não abole a entropia. Contudo, a passagem do regime de acumulação conjugado (1945-1980) para o regime de acumulação integral (1980) gerou uma menor capacidade de intervenção estatal com a ascensão do neoliberalismo (VIANA, 2009; ALMEIDA, 2020). As privatizações, desregulamentação, responsabilização da sociedade civil, entre outros processos que caracterizam o neoliberalismo, promoveram uma intensificação da entropia. Claro que quando essa

entropia atua e gera crises, o Estado neoliberal abandona seus pressupostos e realiza a intervenção econômica, como ocorreu na crise financeira de 2008 nos Estados Unidos (e que se espalhou para outros países) e assim diminui o impacto da crise, especialmente para o capital (no caso, o bancário).

Assim, o Estado neoliberal permite uma maior presença da entropia capitalista. Porém, as mudanças do capitalismo geraram outros elementos que reforçam a entropia capitalista. Um deles é o novo paradigma hegemônico, o subjetivismo. O paradigma subjetivista é um processo mental subjacente que passa a enfatizar o sujeito e a subjetividade (VIANA, 2019). Seja o indivíduo de escolha “racional” do neoliberalismo, seja o indivíduo como “máquina desejante” do pós-estruturalismo, ou, ainda, os grupos sociais e suas identidades, tal como se vê no discurso identitário, o sujeito se tornou “soberano” no mundo ideológico comandado pelo paradigma subjetivista. Assim, o hedonismo, o narcisismo, a incapacidade de aceitar contrariedade ou disciplina, a “hipersensibilidade”, o neoindividualismo, o consumismo, se aliam e reforçam a competição social num processo de mercantilização e burocratização crescentes<sup>1</sup>. Esse processo, que visa fornecer uma ilusão de liberdade para os indivíduos e grupos sociais (as classes sociais são expulsas do discurso ou aparecem como equivalentes a grupos sociais ou algo secundário, irrelevante) ou a ideia culturalista de tudo é uma “construção cultural” (sendo suficiente a ocorrência de mudanças culturais para realizar sua suposta “desconstrução”), gera uma política que reforça a indisciplina, o sentimentalismo, etc. E isso é reforçado pelo populismo que, sob pretexto de combater a “meritocracia”, acaba gerando uma discriminação generalizada ou uma “discriminação positiva” para beneficiar determinados grupos (esse é o discurso, mas, no fundo, se beneficia indivíduos em situação superior nesses grupos ou então ascendentes que são cooptados, na maioria dos casos), o que funciona parcialmente e para setores minoritários (MARQUES, 2015).

Assim, as políticas neoliberais de responsabilização da sociedade civil e inclusão, entre outras, bem como o paradigma subjetivista, que lhe serve como uma luva, geram um processo que enfraquece o humanismo (no máximo se tem um “humanismo seletivo”,

---

<sup>1</sup> Esse é um processo contraditório, pois há um aumento do controle burocrático (e com uso de tecnologia) e um discurso ilusório de maior liberdade, mas isso é desviado para a questão da liberação individual, sexual, etc. em detrimento da liberdade organizacional, política, etc.

que só forçando a barra poderia ser assim chamado, através da “empatia”, ou seja, novamente uma responsabilização e iniciativa do “sujeito”, especialmente os indivíduos), a capacidade de disciplina e sacrifício, etc., e reforça o individualismo, narcisismo, hedonismo, que, por sua vez, gera um reforço do egoísmo, indisciplina, etc. Isso gera, por conseguinte, um efeito na sociedade civil, que é uma maior entropia no conjunto das relações sociais e uma menor capacidade de organização, autocontrole, cooperação.

O paradigma subjetivista, por sua vez, permite, já que o sujeito é o centro (e a internet e as redes sociais virtuais reforçam isso) e o “soberano”, e a “objetividade” (bem como a ciência, razão, teoria, etc.) é desvalorada e desacreditada, a proliferação de ideologias, doutrinas, discursos, totalmente desvinculados de senso de realidade e maior fundamentação, o que se espalha pela sociedade. Isso reforça conflitos discursivos, animosidades e outros efeitos divisionistas na sociedade. As polarizações políticas e morais também tornam o nível de racionalidade ainda menor e reforçam essa entropia social.

Esse processo, por sua vez, diminui ainda mais a capacidade de combater a pandemia no capitalismo contemporâneo. Se o combate à pandemia, no capitalismo, é algo difícil por sua entropia, num regime de acumulação no qual a entropia se torna muito mais ampla, então a possibilidade de superação de pandemias se vê extremamente reduzida. A “irracionalidade” (entropia) do capitalismo se ampliou e se espalhou para a sociedade civil e cultura, o que diminui a capacidade estatal de intervenção, bem como gera uma sociedade civil fragmentada, pulverizada, desorganizada, irracional, o que torna a situação propícia para a expansão da pandemia.

No caso brasileiro, a entropia é muito mais ampla do que em outros países e isso explica a atual situação caótica e catastrófica do nosso país. A entropia no caso brasileiro é mais ampla devido as políticas neoliberais, que emergem com o governo Collor e se aprofunda com os governos Itamar Franco, FHC, Lula, Dilma, Temer, até chegar ao atual governo Bolsonaro. As políticas educacionais neoliberais e reprodutoras do paradigma subjetivista pioraram o quadro e tornaram a população ainda mais frágil, despolitizada, despreparada. Porém, além de neoliberalismo, domesticado pelo conservantismo (VIANA, 2020), numa aliança com objetivos eleitorais, se soma o “reino da incompetência destreinada”. Um governo liberal-conservantista marcado pela

incompetência e influenciado por doutrinas exóticas, diminui ainda mais a capacidade estatal de controle da pandemia, bem como a pressão de apoiadores o torna presa ainda mais fácil de políticas equivocadas. E isso é reforçado pelas ações da sociedade civil, já dominadas pelas ideologias, doutrinas, discursos e representações cotidianas correspondentes ao paradigma subjetivista, que gera desde os hedonistas irresponsáveis que não conseguem conter seus “desejos” (é uma “máquina desejanter” incontrolável e fora do controle até se deparar com o coronavírus, pois aí o controle “externo” do organismo se impõe), pessoas que acreditam que não existe pandemia, indivíduos sem autocontrole ou com baixa racionalidade, entre diversos elementos, o que se amplia em certos momentos (com as festas de fim de ano e outras festas que são em parte responsáveis pela expansão ampliada no início de 2021), o que se soma ao processo de ansiedade e vontade normal de volta à situação normal que atinge a população em geral.

Um governo incapaz e incompetente e uma população despolitizada e igualmente incapaz de se organizar são uma mistura explosiva em uma situação de pandemia. A entropia eleitoral gerou a entropia governamental<sup>2</sup>. E, para piorar a situação, a pandemia reforça a entropia. A crise sanitária acaba se manifestando numa ampliação de infectados pelo vírus e numa capacidade hospitalar limitada – que sofreu uma ampliação, tal como nos hospitais de campanha, que alguns governadores providenciaram, mas muito aquém do que se tornou necessário –, o que gera um aumento drástico do número de mortos e pessoas sem atendimento médico-hospitalar. Essa desproporção entre oferta e demanda é gerada pela pandemia, mas esta não gera entropia apenas neste caso, como também na produção de certas mercadorias<sup>3</sup>, no aumento do desemprego, etc. O aparato estatal, com o auxílio emergencial, diminuiu um pouco os efeitos sobre certos setores da população e gerou uma certa capacidade aquisitiva para um setor do mercado consumidor em pior situação, mas isso não resolveu, e nem poderia resolver, a questão. A pandemia reforça a entropia, e a entropia tende a reforçar a pandemia. Quanto mais pessoas infectadas fora

---

<sup>2</sup> A burguesia não conseguiu emplacar o seu candidato, Geraldo Alckmin, devido aos processos entrópicos da disputa eleitoral, tal como a polarização e a fraqueza do candidato escolhido pelo PSDB – Partido da Social-Democracia Brasileira.

<sup>3</sup> A produção de vacinas é o principal exemplo, mas a produção de mercadorias mais baratas e de eficácia menor, como no caso de máscaras, é algo corriqueiro no capitalismo e que gera consequências desastrosas no contexto de uma pandemia.

dos hospitais ou sem saber que está contaminado (falta de testes), ou, ainda, desconsiderando os riscos (os irresponsáveis) ou constrangidas a correr riscos para garantir a sobrevivência (os trabalhadores manuais, desempregados, etc., ou seja, setores do proletariado, do campesinato e o lumpemproletariado), maior é a força da pandemia. A existência de mutações do vírus e sua possível maior transmissibilidade e letalidade tornam o quadro ainda pior.

Mas o pior de tudo é que, num contexto de pandemia, não é possível uma ação da sociedade civil visando mudar os rumos. Protestos de rua, manifestações, e outras formas de pressão e ação estão inviabilizadas no atual contexto, pois poderia contribuir com a disseminação do vírus. A pressão virtual poderia compensar parcialmente, mas com o subjetivismo reinante ao lado do oportunismo político-partidário e eleitoralismo, bem como a dificuldade de articulação e desenvolvimento da consciência num contexto de divisionismo, fragmentação, grupismo, entre outros problemas, a torna ainda menos capaz de exercer alguma pressão eficaz. Os detentores do poder estão imóveis e se mostram incapazes de maior ação. O grande capital e as instituições mais influentes mostram sua incapacidade de iniciativa no atual contexto. O governo, por sua vez, se mostra imprestável e incapaz de mudar de rumo por conta própria. Assim, a atual situação da pandemia na sociedade brasileira é dramática e esse drama parece que não terá fim tão rápido e mesmo quando essa novela acabar, as sequelas, não apenas do coronavírus, mas psíquicas, econômicas e culturais, serão enormes.

O regime de acumulação integral se encontrava em um processo de desestabilização antes da pandemia e esta apontava para gerar uma crise desse regime de acumulação. Contudo, a classe capitalista conseguiu manter o processo de exploração e conter uma situação mais dramática, com o apoio estatal maior ou menor dependendo do país, à custa dos trabalhadores, constrangidos ao trabalho, ao transporte público, etc. A tendência continua, mas sua ocorrência não se efetivou, apesar do PIB de vários países ter caído, o desemprego aumentado, etc. Tudo indica que os Estados nacionais, instituições e empresas capitalistas estão conseguindo conter uma situação mais explosiva, e a pandemia está dificultando uma reação popular mais ampla e sendo responsabilizada pelos problemas sociais existentes a partir de sua emergência. Porém, essa contenção pode ou não se manter, e o fim da pandemia, que devido a entropia

capitalista é difícil prever<sup>4</sup>, tende a gerar novos conflitos sociais no pós-pandemia. A desestabilização poderá, por conseguinte, se transformar em uma crise do regime de acumulação integral. E ela, uma vez iniciada, pode desencadear uma crise do capitalismo<sup>5</sup>, com a reemergência do proletariado na cena política, o que, por sua vez, reforça a tendência de uma transformação social no sentido de uma sociedade autogerida, abolindo a entropia e possibilitando o controle e resolução mais rápida dos surtos de doenças contagiosas.

A questão inicial colocada a respeito de como uma sociedade altamente desenvolvida tecnologicamente não consegue controlar uma pandemia tem sua resposta na entropia capitalista, que é reforçada na atual fase do capitalismo, comandado pelo regime de acumulação integral. A solução, evidentemente, só pode ser a transformação total e radical das relações sociais, superando a sociedade entrópica por uma sociedade autogerida. O que se pode fazer, nesse contexto, é uma dupla ação, uma visando combater a pandemia e reduzir seus danos, por um lado, e outra efetivando uma luta pela transformação social com todos os meios possíveis no contexto atual, tais como os culturais, virtuais, etc. O futuro será decidido a partir das ações presentes e por isso é preciso agir. E agir reforçando a tendência que queremos que se realize, o que pressupõe senso crítico e reflexão.

## Referências

---

<sup>4</sup> O fim da pandemia depende da ação estatal, comportamento da população, produção e eficácia real de vacinas, etc., sendo diversas determinações que, numa sociedade entrópica, é difícil prever o que ocorrerá.

<sup>5</sup> A tendência para a crise do regime de acumulação integral é reforçada com a pandemia e, uma vez ocorrendo, pode gerar uma crise do capitalismo. São duas crises diferentes. A primeira é uma crise no capitalismo, no qual determinado regime de acumulação encontra dificuldades de reprodução; a segunda é uma crise do capitalismo, ou seja, uma crise na qual o proletariado e outros setores da sociedade colocam em questão as relações de produção capitalistas. Toda crise de um regime de acumulação tende a se transformar numa crise do capitalismo, mas isso depende de múltiplas determinações e da luta de classes. Aqui tratamos de tendências e não de fatalismo, pois existem um conjunto de determinações e as tendências caminham junto com contratendências. Logo, a análise aqui não aponta para nenhum fatalismo, como alguns intérpretes simplistas insistem em atribuir, seja por falta de entendimento, seja por má fé. A ignorância ou a má fé faz trocar tendência por fatalidade, crise de regime de acumulação por crise do capitalismo, “após a pandemia” por “durante a pandemia”, entre outras peripécias interpretativas.

ALMEIDA, Felipe Mateus de (org.). *O Regime de Acumulação Integral*. Retratos do Capitalismo Contemporâneo. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo: Global, 1978.

MARQUES, Carlos Henrique. Meritocracia ou Democratismo? *Revista Posição*. Vol. 04, num. 15, jan./jul. de 2015. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rpo/article/view/724>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MARX, Karl. *O Capital*. 5 vols. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

VIANA, Nildo. Como Combater o Reacionarismo? *Marxismo e Autogestão*, vol. 07, n. 10, 2020. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/725>. Acesso em: 15 de abril 2021.

VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.

VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Idéias e Letras, 2009.